



## A vida na roça e a travessia para o centro urbano: um estudo autoetnográfico

Ana Cristina de Jesus Santana<sup>1</sup> 

### RESUMO

Este artigo é um exercício de memória e afeto, escrito em primeira pessoa, que utiliza a autoetnografia como método, tanto autobiográfico quanto etnográfico, para explorar a relação entre identidade, território e resiliência. Por meio de fragmentos de uma infância vivida na zona rural, até a migração para a capital, narro as lições colhidas no contato íntimo com a terra, os desafios da subsistência e o impacto da transição para o urbano. Tem-se por objetivo contribuir para a compreensão da complexa teia que une identidade, território e resiliência, ofertando um olhar sensível sobre o ato de migrar e a necessidade de se reinventar em um novo contexto. A escrita busca honrar a linguagem simples da roça, onde cada palavra carrega um universo de significados, ao mesmo tempo em que dialoga com as teorias acadêmicas que iluminam a complexidade da experiência humana no período da infância, alcançando a consciência identitária.

**Palavras-chave:** Migração rural-urbana, Identidade, Território, Resiliência.

## Rural Life and the Transition to the Urban Center: An Autoethnographic

### ABSTRACT

This article is an exercise in memory and affection, written in the first person, which uses autoethnography as a methodological approach—both autobiographical and ethnographic—to explore the relationship between identity, territory, and resilience. Through fragments of a childhood lived in a rural area, up to the migration to the state capital, I narrate the lessons learned from intimate contact with the land, the challenges of subsistence, and the impact of the transition to urban life. The aim is to contribute to the understanding of the complex web that unites identity, territory, and resilience, offering a sensitive perspective on the act of migrating and the necessity of reinventing oneself in a new context. The writing seeks to honor the simple language of rural life, where each word carries a universe of meanings, while dialoguing with academic theories that illuminate the complexity of the human experience during childhood, ultimately reaching identity awareness.

**Keywords:** Rural-urban migration, Identity, Territory, Resilience.

## La vida en el campo y la travesía al centro urbano: un estudio autoetnográfico

### RESUMEN

Este artículo es un ejercicio de memoria y afecto, escrito en primera persona, que utiliza la autoetnografía como método, tanto autobiográfico como etnográfico, para explorar la relación entre identidad, territorio y resiliencia. A través de fragmentos de una infancia vivida en la zona rural y hasta la migración a la capital, narro las lecciones aprendidas en el contacto íntimo con la tierra, los desafíos de la subsistencia y el impacto de la transición hacia lo urbano. El objetivo es contribuir a la comprensión de la compleja red que une identidad, territorio y resiliencia, ofreciendo una mirada sensible sobre el acto de migrar y la necesidad de reinventarse en un nuevo contexto. La escritura busca honrar el lenguaje sencillo del campo, donde cada palabra lleva consigo un universo de significados, al mismo tiempo que dialoga con las teorías académicas que iluminan la complejidad de la

---

<sup>1</sup> Psicóloga Clínica. Doutoranda junto ao PPGFSC (UCSal); Mestra em Família (UCSal). Membro do grupo de pesquisa FABEP (UCSal); Mestrado Internacional em Terapias Psicoexpressivas e Artes Terapêuticas (IASE-Espanha); Graduada em Direito (UCSal). MBA em Gestão Empresarial pela (FGV). Neuropsicóloga (CFP). Mediadora judicial junto ao Tribunal de Justiça do Estado da Bahia, atuando com famílias. E-mail: [crissantana.psicologa@gmail.com](mailto:crissantana.psicologa@gmail.com).





experiencia humana en la infancia, alcanzando la conciencia identitaria.

**Palabras clave:** Migración rural-urbana, Identidad, Territorio, Resiliencia

## INTRODUÇÃO

Com as palavras que ecoam na memória, inicio esta jornada autoetnográfica. Nascida e criada no seio da roça, onde o tempo era compassado pelo canto matinal do galo e o ar impregnado pelo aroma da terra úmida, carrego as marcas indeléveis de uma infância moldada pelo contato íntimo com a natureza e pela sabedoria ancestral transmitida de geração em geração, “[...] vez que todos somos devedores destas águas. Louvo ainda as vozes dos habitantes deste lugar que trazem para nós, na umidez de suas palavras, a boa inocência de nossas origens” (Barros, 2010, p. 456).

A autoetnografia, como método de pesquisa, emerge como um farol que ilumina a tênue fronteira entre o pessoal e o acadêmico, permitindo entrelaçar as fibras da história de vida aos fios das teorias que buscam desvendar os mistérios da existência humana (Ellis & Bochner, 2000). Ao narrar esta trajetória, desde os primeiros passos descalços pelos cafezais até a chegada ao centro urbano, desejo lançar luz sobre a intrincada relação entre identidade, território e resiliência, desvelando as nuances e os desafios que permeiam a experiência de quem se aventura a viver novas experiências em terras desconhecidas.

A pergunta que impulsiona esta jornada é: como a vivência na roça moldou a identidade e como a migração para a cidade trouxe novos desafios e aprendizados? Nesse sentido, o objetivo deste artigo é explorar esta relação, contribuindo para a compreensão da complexidade que une identidade, território e resiliência, oferecendo um olhar pessoal e sensível sobre o ato de migrar e a necessidade de se reinventar em um novo contexto.

Para tanto, este artigo se desdobra em quatro seções, entrelaçadas como as raízes profundas de um Baobá centenário. Cada parte busca, a seu modo, contribuir para a compreensão de como a identidade se constrói a partir da noção de território e como, nesse processo, a resiliência pode emergir. Na próxima seção, mergulharemos no universo teórico que sustenta esta pesquisa, explorando as contribuições de autores que se debruçaram sobre os temas da identidade, do território, da migração e da resiliência.

## APORTES TEÓRICOS

Nesta seção, debruço-me sobre o universo que permeia identidade, território e





resiliência, objetivando que a essência fundamental desta inquietude transcorra em consonância com os fundamentos teóricos, legitimados pelas vertentes que sustentam a temática aqui delineada. As expressões desses achados repercutem de forma estruturante e sedimentam possibilidades, fornecendo bases para a pesquisa.

Nessa busca por compreensão, a voz de Erik Erikson ressoa, lembrando em sua teoria do desenvolvimento psicossocial, que a identidade não é estática, mas um processo contínuo, moldado por crises e desafios que se manifestam em cada fase da vida (Erikson, 1968), em cada curva do curso de vida (Elder, 2009). Complementando essa visão do desenvolvimento individual, Stuart Hall nos convida a olhar para a identidade cultural, evidenciando sua fluidez e complexidade. Ele nos mostra que a identidade é tecida por múltiplas influências e marcadores sociais (Hall, 1996), algo especialmente relevante para quem transita entre os diversos mundos e suas culturas.

E se a identidade se constrói e se transforma, onde ela se ancora? Aqui, a teoria do lugar de Yi-Fu Tuan se torna fundamental. Ele nos convida a refletir sobre a profunda conexão entre os seres humanos e o espaço, mostrando como um simples espaço se transforma em um lugar carregado de outros significados, por meio da experiência e do afeto. Como descreve poeticamente: "O que começa como um espaço indiferenciado torna-se lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor" (Tuan, 1977, p. 6). Essa ideia ressoa profundamente com a experiência de ter a roça como primeiro mundo e, depois, a cidade e todos os outros mundos como um novo território a ser desvendado e dotado de sentido. Segundo o autor, o que torna o espaço um lugar é, essencialmente, a emoção e o simbolismo que o referenciam na existência humana. Nas palavras do poeta do devir, Manoel de Barros (2010, p. 460), "[...] eu não sabia que as pedrinhas do rio que eu guardava no bolso fossem de posse das rãs".

Mas o que acontece quando essa conexão profunda com o lugar, tão bem descrita por Tuan, é posta à prova pela necessidade ou pelo desejo de partir? Nesse ponto a obra de Sérgio Miceli transforma-se em farol, iluminando os caminhos da migração rural-urbana no Brasil. Miceli contribui para compreender o impacto profundo que essa travessia tem na identidade e na cultura de quem migra, revelando desafios muitas vezes invisíveis e adaptações silenciosas enfrentadas para quem deixa o campo em busca de novas oportunidades (Miceli, 1984). Sua pesquisa ressoa com a experiência de ter a terra sob os pés substituída pelo asfalto e a proximidade da comunidade trocada pela impessoalidade dos centros urbanos.

Com base nas perspectivas da Psicologia Social e da Sociologia, a identidade é abordada como um conceito dinâmico. Ciampa (1987), na Psicologia Social, compreende a identidade como um processo de metamorfose contínua, resultante da intersecção entre a história





individual, contexto sócio-histórico e projetos de vida, em que a personagem (a vivência pessoal de um papel social) desempenha papel crucial na sua construção. Assim, a identidade não é algo fixo, mas um movimento constante de articulação entre igualdade e diferença, embora ritos sociais possam fazê-la parecer estática. Complementarmente, a sociologia, através de autores como Claude Dubar (1997), Zygmunt Bauman (2005) e Stuart Hall (2006), exploram a identidade em contextos específicos: Dubar no trabalho, Bauman na fluidez da modernidade líquida, e Hall nas identidades culturais da pós-modernidade, reforçando a ideia de que a identidade é construída e redefinida em relação às interações sociais e aos contextos culturais.

Nesta construção identitária onde o lugar constrói o sentido, Santos (1996) entende a configuração territorial como a materialidade física de um local. Ele a define como "o território e mais o conjunto de objetos sobre ele". Isso significa que o território, em si, seria a base, a superfície ou o espaço físico fundamental sobre o qual se assentam e se distribuem todos os elementos, tanto naturais (como rios, montanhas) quanto artificiais (como cidades, estradas, construções). O lugar é entendido por ele como o espaço do acontecer solidário.

Ou seja, embora o território não seja um item isolado em sua lista de categorias para análise do espaço, ele é o alicerce da configuração territorial. A configuração territorial, por sua vez, é vista como um sistema completo, uma totalidade inerte de tudo que existe fisicamente em uma área, somando as realizações passadas e presentes. É importante notar que, para Santos (2000), essa configuração territorial (que inclui o território e seus objetos) não é o espaço em sua totalidade, pois o espaço abrange não apenas essa materialidade, mas também a vida e as dinâmicas sociais que a animam. Desta forma, o território é o substrato material sobre o qual o espaço se manifesta e se configura. Ao depois, Santos (2000) passa a se afastar da diferenciação entre espaço e território, afirmando renunciar à distinção entre conceitos.

Essa travessia, claro, não é isenta de espinhos. Diante das rupturas e adversidades que podem emergir nesse desenraizamento, a resiliência revela-se não apenas como uma capacidade, mas como uma força vital. Boris Cyrulnik, com seus estudos inspiradores, convida a acreditar nessa potência humana de superar a dor, de transformar feridas em aprendizado e crescimento pessoal (Cyrulnik, 2001). Sua perspectiva enfatiza que, mesmo quando a vida nos impõe quedas, há sempre a possibilidade de se levantar com novos aprendizados.

Como podemos dar voz a essa experiência única tecida por memórias da roça, desafios da cidade e a resiliência forjada na travessia? É a autoetnografia, apresentada com vigor por Carolyn Ellis e Arthur Bochner, que se apresenta como o caminho possível. Eles mostram, de forma convincente, como a subjetividade e a emoção não são obstáculos, mas elementos essenciais na pesquisa social e que a experiência pessoal, vivida e sentida, pode gerar um





conhecimento relevante e significativo (Ellis & Bochner, 2000). É essa abordagem que permite entrelaçar as fibras da história pessoal com os fios da teoria, “Esses espelhos refletiram um outro que sou eu e lançaram a percepção de que também, como pesquisadora, sou narrada pelo outro” (Rabinovich, 2023, p 01).

No entanto, à medida que se navega por essas trajetórias teóricas, torna-se discernível um vazio, semelhante a uma ausência que deseja ser preenchida. É evidente que grande parte das pesquisas em identidade tende a favorecer paradigmas urbanos e globais, marginalizando, assim, as experiências distintas e profundas de indivíduos que fazem a transição de ambientes rurais para centros urbanos. Além disso, é perceptível que um número limitado de trabalhos acadêmicos se esforça por investigar a complexa interação entre identidade e território por meio de uma lente tão pessoal quanto a autoetnografia. É esse vazio identificado, esse imperativo por uma perspectiva mais contextualizada e subjetiva, que não só legitima, mas também convida ao engajamento em uma exploração mais abrangente desta temática.

Assim, para desvelar as nuances desta trajetória, para honrar as raízes, enfrentar os espinhos e alçar voo com as asas da resiliência, apresento a seguir, a metodologia utilizada na pesquisa, revelando como a autoetnografia se tornou-se o instrumento eficaz para esta exploração.

## METODOLOGIA

Diante da lacuna identificada na literatura e da necessidade de um olhar que honrasse a complexidade da travessia entre a roça e a cidade, a autoetnografia emergiu não apenas como um método, mas como o caminho intrinsecamente ligado à natureza desta pesquisa. Como uma lente que permite focar no eu para iluminar o coletivo, essa abordagem qualitativa permitiu entrelaçar as fibras mais íntimas da experiência pessoal com os fios robustos das teorias que buscam compreender a vastidão da existência humana (Ellis & Bochner, 2000). É um convite para habitar a fronteira entre o vivido e o analisado, reconhecendo a potência das subjetividades.

O processo de construção dos dados foi, em si, um mergulho profundo. Uma imersão nas águas da memória e das experiências vividas, resgatando fragmentos de um passado que, longe de ser estático, ressoa vibrante no presente. Foi um exercício de olhar para dentro, apreciando o que Manoel de Barros chamaria de o absurdo divino das imagens (Barros, 2010, p. 458) que a memória oferece. As lembranças sensoriais da roça, o cheiro da terra molhada, o som do pilão, a textura dos cafezais, misturaram-se aos desafios da migração e aos aprendizados, às vezes duros, da vida na cidade. Cada detalhe, cada sensação, cada imagem





resgatada foi cuidadosamente acolhida e registrada, buscando identificar os padrões, as ressonâncias e as conexões que, juntas, revelam a intrincada relação entre identidade, território e resiliência.

A análise, por sua vez, não seguiu um roteiro rígido, mas ocorreu de forma orgânica, cuidadosa e profundamente reflexiva. Foi um processo de escuta atenta às narrativas que emergiam da minha própria história, buscando identificar os temas recorrentes, as metáforas que se repetiam e os silêncios que também falavam. Por meio da escrita, essa ferramenta poderosa de dar forma ao informe, da poesia - que permite tocar a emoção onde a prosa não alcança - e da sensibilidade cultivada no contato com a terra e com a vida, busquei dar voz plena às emoções e aos sentimentos. Foi um trabalho de alquimia, transformando a experiência pessoal, com toda a sua crueza e beleza, em conhecimento relevante e significativo, capaz de dialogar com o universo acadêmico.

É necessário ampliar as características inerentes a essa abordagem metodológica, acrescentando que as suas restrições residem, paradoxalmente, em seu ativo mais significativo: a proximidade da conexão com a subjetividade e a redução fenomenológica (Hurszel, 2000). Componentes que, apesar de servirem como fonte fundamental de profundidade, exigem um exame contínuo, cuidadoso e reflexivo da forma de se posicionar e seus desdobramentos. No entanto, é dessa maneira que a autoetnografia pode fornecer uma visão profunda da condição humana, elucidando as sutilezas, complexidades e verdades percebidas que podem escapar em outras metodologias de pesquisa.

A abordagem metodológica adotada neste estudo fundamenta-se na perspectiva antropológica de Tim Ingold (2019), que propõe a prática de pesquisa para uma compreensão intrinsecamente relacional e processual da vida humana, em consonância com o princípio central de que se trata de um diálogo no qual todos aqueles que participam estão prestes a serem transformados. A metodologia transcende a mera coleta de dados, concebendo a observação participante não como um meio para estudar as pessoas, mas como um engajamento ético e imersivo de estudar com elas. Essa postura implica uma rejeição do conhecimento objetivo em favor da busca por sabedoria, que emerge da experiência compartilhada e da minha disposição em expor à complexidade do mundo, permitindo que as concepções pré-existentes sejam desafiadas e transformadas (Ingold, 2019, p. 24-25).

Adotando uma ontologia relacional, tal como defendido por Ingold (2019), este estudo considera que os seres humanos e suas realidades são continuamente forjados e reconfigurados nas interações e interconexões que permeiam a vida social. Isso significa que fenômenos culturais, biológicos e ambientais não são tratados como domínios separados ou





predeterminados, mas como aspectos interligados de um processo contínuo de ontogênese (Ingold, 2019, p.32). A fluidez da vida e a co-construção mútua dos seres, incluindo tanto humanos quanto não-humanos, são elementos centrais, permitindo que a pesquisa capte dinâmicas e as emergências que moldam os modos de vida, em vez de classificá-los em categorias fixas ou essencialistas. Esse posicionamento busca unir diversas trilhas investigativas, honrando a unidade e indivisibilidade da experiência humana e promovendo um diálogo contínuo que reconhece a humanidade não como um dado, mas como um processo constante de autoconstrução e transformação coletiva.

Consequentemente, com a autoetnografia como ferramenta de navegação e a memória como uma paisagem conceitual, essa investigação se revela. Posteriormente, apresento os resultados dessa experiência imersiva, revelando os enunciados, as lições e os conhecimentos adquiridos ao longo desta construção; uma travessia entre raízes, espinhos e asas. Assim, para desvelar as nuances desta trajetória, para honrar as raízes, enfrentar os espinhos e alçar voo com as asas da resiliência, sigo para análise e resultados.

## A ROÇA COMO PRIMEIRO MUNDO

Os resultados da jornada autoetnográfica são apresentados por meio dos relatos em primeira pessoa do singular, que se entrelaçam com os aportes teóricos discutidos, iluminando as complexas relações entre identidade, território e resiliência, sob a percepção de que a roça sempre foi mais que um simples lugar. Era um universo de aprendizado, afeto, desafios e conexão com a natureza. Ali, aprendi a valorizar a simplicidade, a cultivar a paciência e a respeitar os universos individuais. Na roça, a plenitude da vida se manifesta em sua simplicidade e na profunda conexão com a natureza, forjando uma identidade singular, como, como poeticamente expressa Barros (2010, p. 454).

Em meio à vastidão do campo, onde o horizonte se misturava ao cheiro da terra molhada, nossa pequena casa na roça abrigava nossa família, tecendo os primeiros fios da minha identidade por meio das dinâmicas mais simples. Naqueles tempos da infância, os pais, cujas mãos sabiam mais de terra que de letras, os nomes próprios eram um esforço que hoje vejo como a primeira semente da escrita para eles, eram os pilares do nosso universo. Lembro-me que quando o sol se apresentava na roça, já chegava atrasado, ditado pelo ritmo do meu pai que acordava com o galo e às cinco da manhã já estava na lida, movendo a engrenagem do nosso sustento com disciplina inquestionável; não havia sábado, domingo ou feriado. Só parava se fosse dia de Santo Antônio, Sexta-feira Santa ou o dia do nascimento de Cristo. Minha mãe, era







uma força silenciosa em casa, desdobrando-se entre os afazeres domésticos e o apoio na panha de café (quando se arrancava os grãos de café com as mãos), com sua energia feminina complementando o vigor braçal. Meus pais não entendiam muito de afagos ou palavras doces, expressando-se como lhes era possível.

Na companhia do irmão caçula, explorava cada recanto, transformando dias em aventuras: fosse na persistente, mas sempre infrutífera, caça aos passarinhos que nunca resultava em mais que risadas, ou nos refrescantes banhos de rio e nas pescarias que selavam nossa cumplicidade. Ali, cada um, a seu modo e com suas vulnerabilidades, desempenhava um papel vital, criando uma rede invisível de interdependência e aprendizado que nos moldava e nos moldava, muito antes que eu soubesse o que era uma metodologia.

Nasci em um local caracterizado pelo canto do galo nas primeiras horas do dia e pela presença olfativa da terra molhada. Até os seis anos de idade, a roça era a minha única referência cartográfica: um domínio repleto de árvores abundantes que forneciam sustento e riachos onde era possível capturar piabas usando apenas as mãos ou um fragmento de tecido esfarrapado. Havia também um terceiro mecanismo, utilizado pelos adultos, que consistia em uma garrafa cortada ao fundo; eu questionava internamente como conseguiam fazer aquele corte sem quebrar a garrafa, seguia sem entender. Entre a flora que envolvia o quintal, o maracujá prosperava exuberantemente, suas flores brancas e roxas pareciam corpos celestes diminutos que exalavam o perfume daquele canto. Minha mãe colhia os frutos para fazer sucos calmantes, dizendo que isto era bom para os nervos e para dormir sem encontrar pesadelos, sigo até os dias atuais usufruindo desta receita: café para despertar e maracujá para repousar.

As manhãs começavam com o café coado no coador de pano e o pão feito no fogão a lenha, receita que aprendi com a minha mãe e que hoje a minha filha também faz. Nossos ancestrais têm muito a nos ensinar (Somé, 2007). Corria descalça pelos cafezais, onde os galhos secos riscavam a pele deixando tatuagens temporárias. Os arranhões eram como iniciações - cada marca, uma história de correria entre os pés de café, cicatrizes que se transformariam em memórias felizes em um tempo distante. Lembro do cheiro do sabão de coco usado no banho e da dor insuportável no final do dia ao me banhar; o sabão sobre os arranhões, apesar de muito doloroso, não me impedia de retornar no dia seguinte em busca de novas aventuras. Essas cicatrizes físicas, embora dolorosas, foram as primeiras lições de uma gestão adaptativa (Holling, 1978), forjada na relação direta com a natureza, onde o desconforto era parte intrínseca do viver.

Às vezes, descansava sob a sombra fresca do ingazeiro, árvore que protegia o cacau do sol escaldante. Seus frutos, com polpa adocicada, eram disputados pelos pássaros, e por mim.







Anos depois, descobri que aquela sombra não era só refúgio: o ingazeiro fertilizava o solo como um agricultor invisível.

Um dia, coloquei a mão numa pedra e de lá saiu uma cobra tingida de preto e vermelho reluzente. O susto congelou meu sangue e paralisou a minha respiração, mas o medo logo virou aprendizado: na roça, cada surpresa ensina uma maneira nova de olhar. Aprendi que as pedras por vezes, podem abrigar vidas, e que o respeito começa no cuidado com os espaços que não nos pertencem.

A roça não era feita apenas de fartura, também era feita de faltas, não havia postos de saúde e os remédios vinham das folhas maceradas ou do chá delas; do boldo, da cidreira, da erva doce, dentre tantas outras. A escola mais próxima ficava a três horas de caminhada e, por isso, até os seis anos, meu alfabeto era formado pelas folhas das árvores, pelo canto do vento, pelas linhas na terra e pelos sons dos animais. Essas limitações, contudo, não eram vistas como carências absolutas, mas como condições que estimulavam a criatividade e a autossuficiência, moldando uma identidade adaptável e pragmática desde a tenra idade.

Mas havia afeto em gestos simples: o leite da vaca, ainda morno, ordenhado ao amanhecer, ofício ensinado ao meu irmão, escorria para um balde de metal que cantava uma música própria, alternando notas entre o balde de metal e o de plástico. O leite era, muitas vezes, consumido direto dali, permitindo tanto a nutrição quanto a sensação de boca grudenta. Anos depois, já na cidade, soube que a dieta do gado influenciava até o sabor daquele leite, mas, para mim, o gosto era só um: o de uma terra conhecida. Essa mesma terra, palco de uma infância livre e desprovida de comparamentos, era onde a imaginação transformava pedra em lagarto, lata em navio, e um sabugo de milho em um serzinho desajeitado como filhote de gafanhoto. Cresci assim, brincando no chão, entre formigas, experimentando mais comunhão com as coisas do que comparação (Barros, 2008).

Não é à toa que consigo afirmar, sem qualquer desconforto, que "o escuro me ilumina". É um paradoxo que a poesia testemunha, que, para mim, se revela como a verdade de uma visão infantil, gestada na criança que ainda vive em algum lugar escondido. Ali, onde havia uma profunda fusão com a natureza e comunhão com ela, como bem descreve Barros (2008, p. 11): "Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores."

Com o estilingue que ganhei, feito com um galho de goiabeira e borracha de câmera de pneu velho, achei que iria caçar e me defender, mas, para surpresa percebi no primeiro minuto que se tratava de algo muito complexo, pois ao tentar atirar a primeira pedra em um alvo





selecionado, tornei-me o próprio alvo, machucando a face. “Que brinquedo mais perigoso”, pensei! Essa experiência precoce com o perigo e o erro, que resultou em uma tatuagem temporária (os arranhões) ou uma lição inesperada (o estilingue), forjou em mim a capacidade de aprendizado por tentativa e erro, essencial para a resiliência futura. O fogão a lenha pintava nosso teto de fuligem, criando uma paleta degradê que ia do negro ao cinza, enquanto o fogo dançava em tons primários de vermelho, azul e amarelo. A fumaça que subia não era apenas calor, era conservante para as carnes que pendurávamos em cordas sobre ele, defumando lentamente, conservando e atribuindo sabor. O lar era este lugar de transformações diárias: a lenha virando brasa, a brasa cozinhando o alimento, o alimento construindo força para enfrentar o dia seguinte.

## **Rituais da terra**

Os rituais que permeavam o cotidiano na roça eram como uma sinfonia que celebrava a vida em cada instante. A colheita do café, o preparo do pão no fogão a lenha, o cuidado com a horta, cada atividade era realizada com esmero e dedicação, transmitindo um senso de pertencimento e conexão com a terra. "Desde o começo do mundo água e chão se amam e se entram amorosamente e se fecundam. Nascem peixes para habitar os rios. E nascem pássaros para habitar as árvores." (Barros, 2010, p. 455).

Os dias na roça tinham um ritmo próprio. Logo cedo, sobre uma plantinha que abre e fecha, podia-se brincar; a sensitiva, que recolhia suas folhas ao toque como se estivesse envergonhada. Ver o orvalho sobre as plantas, sacudi-lo e se molhar com esse banho gelado, entrecortado matinal, era uma das primeiras brincadeiras do dia. Antes que o sol estivesse alto, já colhia milho e batata doce, os dedos ágeis reconhecendo, pelo tato, quando cada um estava no ponto. Hoje, isso ajuda na escolha das frutas e verduras, não antes de criticar a qualidade e o preço delas no mercado.

O despoldador de café estreava o seu próprio ritual; uma cantiga arrastada junto com micro repiques que pareciam uma música de pandeiro. Depois de retirar a pele dos grãos nessa máquina de transformação, eles eram levados ao terreiro para secar. Durante dias, víamos o café sendo virado e revirado sob o sol, como numa dança, até que uma parte fosse vendida e outra ficasse em casa. Minha mãe o torrava no fogão a lenha, sobre uma bandeja desgastada pelo uso e pelo fogo, enchendo todo o ambiente com aquele aroma que parecia tornar o ar mais denso, mais rico. Depois, vinha o pilão, que era segurado entre pés e pernas, onde ela batia os





grãos para todo o sempre, como costumava dizer, até virar café de verdade. A carne moída era preparada em uma máquina de metal e alavancada através da força braçal, em movimentos circulares.

A água encanada demorou para chegar em nossas vidas. Por um longo tempo, carreguei a água do rio em um balde, aprendendo que, algumas vezes, o peso da sobrevivência poderia ser medido em litros e distâncias. Quando reclamava do peso, minha mãe dizia: "Sem água não tem comida, sem comida não tem sustento". E assim cada gota carregada virava aprendizado. A necessidade de carregar água, embora árdua, reforçou a compreensão pragmática da interdependência, posteriormente, e da importância dos recursos naturais, aprofundando o senso de conexão com o território por meio do esforço físico.

No vizinho, tínhamos a casa de farinha, onde o cheiro forte da mandioca fermentando misturava-se ao calor do forno e ao suor das pessoas. Mais adiante, outro vizinho cultivava pepino, tomate e inhame amarelo. Não era caridade quando nos presenteavam com um saco de farinha ainda quente ou legumes frescos. Na verdade, descobri com os anos, que aquilo era escambo, palavra que, para mim, poderia soar como nome de remédio se tivesse aprendido naquela época. Graças a esses arranjos silenciosos, não faltava o alimento, o leite nem pirão de leite com carne assada.

Quando a manga caía das árvores, machucada pela queda, tornava-se preciosa e perfeita para mim e meu irmão. Inventamos nossa própria sobremesa gourmet: furar apenas a ponta da fruta e apertar o seu entorno, saboreando a cremosidade que escorria direto para a boca. Não havia receita mais sofisticada no mundo que essa manga espremida pelas mãos, nem restaurante que servisse prazer tão imediato, certeza!

Na roça, a saúde era estruturada, primordialmente, pelo que era doado pela terra. Dali era retirado o capim-estrela para aliviar dores de garganta ou as folhas de pitanga para combater a febre insistente e o mastruz, que crescíamos o leite para mitigar a gripe e os problemas respiratórios. Lembro de um banho ardido e gosmento, receitado para catapora, quadro que me manteve prisioneira dentro de casa por dias seguidos, distante do sol e das correrias, um castigo pior que o próprio adoecimento.

## A Linguagem do campo

A linguagem incipiente da roça constituía, por si só, um código clandestino, um dialeto que unia as pessoas em um emaranhado de solidariedade. As saudações, os diálogos e as





narrativas, cada palavra carregava um universo de significados, revelando a sabedoria e a humildade de quem vive e coexiste com a natureza.

A linguagem tinha seus próprios códigos, tão estranhos para os de fora quanto naturais para nós. As pessoas que passavam pelo caminho gritavam "Ô cumade!" ao que minha mãe respondia apenas: "U". Os que passavam de carro emitiam um sonoro "Ê!", e aquele som curto carregava reconhecimento, saudação, pertencimento. "Lugar mais bonito de um passarinho ficar é a palavra. Nas minhas palavras ainda vivíamos meninos do mato, um tonto e mim. Eu vivia embaraçado nos meus escombros verbais. O menino caminhava incluso em passarinhos." (Barros, 2010, p. 452).

As cancelas eram quase personagens nesse cenário, pesadas demais para meus braços pequenos. Quando precisávamos passar, eu optava pelo passadiço ao lado do mata-burro, por temer cair entre as ripas de madeira. Cada elemento tinha seu peso literal e simbólico – abrir a cancela era assumir responsabilidade; escolher o mata-burro era arriscar-se por um caminho mais rápido; usar o passadiço era escolher o caminho menos arriscado e imaginar estar em um labirinto.

Quando meu pai demonstrava uma disposição favorável, permitia que eu o acompanhasse ao seu lado sobre o trator. Era uma experiência extraordinária, pois me percebia grande, o mundo era ampliado naquele instante. O ponto de vista de cima do trator transformava todo o cenário, proporcionando a percepção de que, muitas vezes na vida, apenas alterar a perspectiva de uma pessoa é suficiente para expandir os horizontes. Da roça, levei por muitos anos o gosto pela montaria desfrutada com meu pai, competindo até os quinze anos de idade em cavalos xucros, segurando suas crinas que rasgavam as unhas enquanto o animal pulava. Cair no chão duro fazia parte da experiência, mas também era oportunidade para aprender a se levantar. A repetição das quedas e o imperativo de se reerguer, longe de desmotivar, solidificaram um ponto crucial da constituição identitária, preparando para futuras adversidades.

Quando teimava e entrava no curral, dava sorte se só recebesse bronca. Nos dias de azar, era contemplada pela corrida por detrás de um bezerro assustado, que parecia triplicar de tamanho quando investia contra mim. Aprendi que respeito não é apenas uma palavra – é uma prática diária de entender limites, até mesmo os dos animais.

Os marimbondos patenteavam as suas marcas na pele em várias ocasiões. Suas picadas provocavam lágrimas, assim como as galinhas que ousavam atacar, quando insistia, de forma incauta, na aproximação dos seus filhotes. No entanto, cada dor se situou como um lembrete:





existem domínios em que nossa presença não é bem-vinda, e existem seres que ressaltam essa realidade. A natureza não foi planejada para nossa servidão, ao contrário, ela prevalece, desafiando nossa existência. Essas interações, por vezes dolorosas, reforçavam a humildade e a percepção da própria vulnerabilidade diante de um mundo natural que não se dobrava aos desejos humanos, mas que exigia adaptação e respeito contínuo.

## Capital, do medo e da estranheza

A chegada à cidade foi como um despertar para uma realidade alternativa. Aos dezessete anos de idade, recordo-me de estar em frente ao Teatro Castro Alves no Campo Grande com painho, não sei se quem sentia mais medo era ele ou eu, aguardávamos a dona do pensionato para, enfim e formalmente adentrar a esse novo mundo. O estranhamento diante da modernidade, a saudade da roça, cada emoção confrontava a complexidade da experiência de migrar e de se adaptar a um novo contexto social. “Nosso conhecimento não era de estudar em livros. Era de pegar de apalpar de ouvir e de outros sentidos. Seria um saber primordial? Nossas palavras se ajuntavam uma na outra por amor e não por sintaxe”. (Barros, 2010, p. 450).

Se aos seis anos de idade saí da roça para a cidade mais próxima no interior para conhecer as primeiras letras, aos dezessete, a capital chegou como uma experiência assustadora e iniciática para apresentar a universidade, enfim, o asfalto decididamente substituiu a terra, o silêncio se transformou em buzinas, e o céu - antes infinito - agora era recortado pela elevação dos prédios. O medo era uma constante: medo de errar o ônibus, medo de não entender os códigos da cidade, medo de parecer desconectada de tudo ao redor. Na roça, eu sabia ler o cheiro da chuva; aqui, não entendia nem as placas sinalizadoras, tudo causava entorpecimento, mas "a gente combinamos de não morrer" (Evaristo, 2016, p. 99)

O abacateiro no quintal da nossa casa no interior era fonte de alimentação quando o dinheiro rareava. Abacate temperado com sal, abacate acompanhado de açúcar ou abacate misturado com farinha, as mesmas receitas de improvisado que aprendi na roça agora eram estratégias urbanas de sobrevivência. Se na roça havia fartura, no interior não mais, mas existiam alternativas. Na capital, no entanto, tais alternativas não existiam.

Por aqui, na cidade grande, percebi que o tempo tinha dono. Havia horários para tudo e o relógio, não o sol, ditava quando acordar, quando comer e quando voltar para casa.

Nas noites insones, lembrava do terreiro de café iluminado pela lua cheia, do cheiro de manga madura caída no chão, do som das cigarras, dos bem-te-vis, das andorinhas, dos sapos,





dos grilos. O banho de rio na frente da casa, que diziam ser um luxo e que hoje acredito que realmente era, não mais fazia parte dos meus dias. Na cidade, as pessoas não levavam frutas e verduras como presentes, como era na roça, e nós também não oferecíamos. Não havia trocas sem dinheiro, não havia visitas que chegavam apenas para um ‘dedinho de prosa’. Por longos anos, não me senti pertencente. De uma forma ou de outra, restou o costume de quando hoje recebemos os amigos dos filhos em casa, logo perguntar: não tem uma fruta, um bolo, um pão?

Na primeira graduação, deram-me de presente uma única fotografia da colação de grau que ficou por mais de duas décadas em uma parede da casa na roça, sobre a paleta de cores que se ampliava do cinza claro até o preto. Ela só foi retirada no ano passado, quando a roça foi, enfim, vendida. Aquela fotografia havia criado raízes na parede, assim como eu ainda mantinha as minhas naquela terra, mesmo estando fisicamente distante. Hooks (2019) presenteia com a narrativa sobre a importância crítica do lugar e do lar na construção da identidade, afirmando como o senso de pertencimento é fundamental para a existência humana.

Certa feita, enquanto estava em um mercado na capital, encontrei um queijo com uma infusão de maracujá premiado como um dos melhores da região. Comprei um pedaço e, ao morder, fechei os olhos: era o gosto da infância só que padrão *premium*. Compreendi que os centros urbanos têm o poder de transformar em luxo o que na roça fazia parte do cotidiano, de monetizar o que antes era praticamente gratuito, de empacotar experiências como se fossem uma criação original.

### **Entre dois mundos, migração e integração**

Como o rio que fazia uma volta na frente da casa, como descrito por Manoel de Barros (2010), minha vida também ganhou nomes técnicos, explicações racionais. O poeta diz que o nome empobreceu a imagem, e sinto que os centros urbanos, às vezes, empobrecem algumas experiências ao nomeá-las e categorizá-las. O rio já não era mais ‘uma cobra de vidro’ quando se aprende que se chama enseada. Algo da magia se perde na tradução.

Aprendi que um dia sem sol não é tragédia; por vezes, é oportunidade para o café secar à sombra. A natureza ensina paciência; cada estação tem seu propósito, nenhuma família sobrevive sozinha; a farinha do vizinho, o cavalo emprestado para o plantio, a colheita compartilhada. Entendi cedo que autonomia total é ilusão. A morte de uma galinha virava alimento; as folhas caídas viravam adubo. Na roça, nada se perde e a transformação dita regras ou alimenta o próximo da cadeia.





No entanto, a paisagem rural não estava desprovida de desafios e espinhos. Durante invernos particularmente rigorosos, os rendimentos eram escassos em toda a região, exigindo criatividade para compensar o que a terra não produzia. A escola era um luxo distante e muitos sonhos morriam no caminho de terra. O acesso à informação e à educação formal eram considerados privilégios raros. Aprendia-se a cultivar a capacidade de perseverar em silêncio. Essas contingências, embora duras, foram ampliando o repertório de resiliência marcado pela engenhosidade e pela capacidade de encontrar soluções em cenários de escassez, um traço identitário que seria fundamental na adaptação ao ambiente urbano.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar os resultados deste estudo, em consonância com as teorias que explorei na revisão da literatura, posso vislumbrar a relação entre identidade, território e resiliência, evidenciando como a autoetnografia, enquanto metodologia, oferece uma lente única para aprofundar tal compreensão. Penso, assim como Barros (2010), que existem histórias tão verdadeiras que, às vezes, parece que são inventadas.

A identidade, moldada pela vivência na roça, um primeiro mundo forjado por rituais, pela linguagem do campo e por interações, muitas vezes desafiadoras, com a natureza, foi intrinsecamente afetada pela travessia para o centro urbano. A confrontação entre a fluidez identitária de Hall (1996) e Erikson (1968), que sustentam a identidade como um processo contínuo de metamorfose, é vividamente ilustrada pela desancoragem do lugar (Tuan, 1977) da roça. A narrativa revela que o território, que antes era sinônimo de segurança e pertencimento, tornou-se um espaço de estranhamento e de desenraizamento na cidade. Contudo, a autoetnografia permite ir além da mera constatação do desenraizamento, revelando as estratégias de ressignificação do lugar na experiência do migrante. A busca por um lar (Hooks, 2019), mesmo em um contexto de deslocamento (Miceli, 1984), manifesta-se em atos cotidianos, como o cultivo de práticas rurais na cidade ou o reconhecimento de gostos da infância em produtos urbanos.

A resiliência, que Cyrulnik (2001) descreve como a capacidade de transformar feridas em aprendizado, emerge na experiência narrada não apenas como uma capacidade individual, mas como um traço culturalmente construído na roça, onde as faltas e os espinhos eram lições diárias de adaptação e superação. As quedas dos cavalos xucros ou as picadas de marimbondos, embora dolorosas, são ressignificadas como elementos constitutivos dessa força vital. A







migração para a cidade, com seus medos e estranhezas, funciona como um novo campo para a manifestação dessa resiliência, na reinvenção constante de si e na negociação entre o passado rural e o presente urbano, ou como sugere o olhar que se torna um epitáfio para essa capacidade de navegar pela adversidade: “Sou muito preparado de conflitos” (Barros, 2010, p. 345),

O método da pesquisa escolhido, a autoetnografia, permitiu dar voz às emoções e aos sentimentos, transformando a experiência pessoal em conhecimento relevante e significativo. Ao invés de apenas coletar dados sobre o fenômeno da migração, a autoetnografia, conforme Ellis & Bochner (2000) e a ontologia relacional de Ingold (2019), permitiu uma imersão na vida em si, revelando as nuances e as interconexões da experiência que metodologias mais distantes poderiam obscurecer. Ao compartilhar a história em primeira pessoa do singular, este estudo almeja não apenas inspirar outras pessoas a valorizar as suas raízes e a ampliar a construção identitária, mas também aprofundar o debate acadêmico sobre como a subjetividade e a experiência vivida são fontes legítimas e poderosas de conhecimento. “É no ínfimo que eu vejo a exuberância.” (Barros, 2010, p. 351).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Hoje, carrego a roça na pele, manifestada através das cicatrizes herdadas das plantações de café, no cheiro do sabão de coco e na prática arraigada de olhar para o céu antes da precipitação. O ambiente urbano me deu as habilidades necessárias para a compreensão literária, enquanto a roça me educou muito mais nas complexidades da interpretação existencial.

Examinar memórias através da lente acadêmica transcende o mero relato caricato do rural, constitui um profundo respeito pela própria narrativa e a oportunidade de revisitar a própria história. É necessário navegar pela tensão inerente de transitar por territórios diversos, conforme a vida nos convida, mantendo, simultaneamente, uma conexão com as raízes. Envolve reconhecer que a mesma mão que adquiriu a habilidade de colher grãos de café e frutos de maracujá agora se dedicam à articulação dessas expressões escritas.

Enquanto a paisagem rural ampliou o potencial da resiliência, o ambiente urbano impregnou uma sensação de ceticismo e, por vezes, deslocamento. Contudo, a recordação do ingazeiro dos anos iniciais se mantém: fornecendo sombra, extraindo sustento das narrativas fundantes de outras pessoas e aspirando o encontro com quem manifesta a intenção da colheita.

Ao chegarmos a esse momento, refletindo sobre meio século de existência e a trajetória percorrida por meio da escrita, afirmo, com certa convicção, a importância primordial de abraçar a diversidade e a subjetividade na própria formulação do conhecimento. A experiência





pessoal é um reservatório inesgotável de percepções que quando acolhida e analisada de forma crítica e reflexiva, tem o poder de apresentar nuances e complexidades da existência humana que, de outra forma, poderiam permanecer desconhecidas ou excessivamente simplificadas por metodologias alternativas de pesquisa.

A trajetória, marcada por essa transição comum entre o rural e o urbano, tornou-se um terreno fértil para explorar a intrincada e dinâmica relação entre identidade, território e resiliência. A vivência na roça, com seus rituais próprios, sua linguagem em dialetos e a conexão com os ciclos da natureza, foi a argila que moldou a identidade primeira, ensinando o valor da simplicidade, a força da humildade e a sabedoria contida no chão que pisamos. A migração para a cidade, por outro lado, com seus desafios inesperados e suas oportunidades, exigiu uma constante, e por vezes, dolorosa adaptação, uma reinvenção diária do ser. Mas foi nesse processo que a resiliência se fez, impulsionando a fincar novas raízes e a construir a vida em novas terras.

E é justamente ao narrar essa travessia, ao dar forma a essas memórias e reflexões, que compreendo a potência da escrita. Como nos lembra Conceição Evaristo, com a força de quem sabe o peso e o propósito das palavras: "A nossa escrevivência não é para adormecer os incômodos, mas para acordar as consciências." (Evaristo, 2007, p. 30). Que as palavras, nascidas da construção identitária, possa, de alguma forma, contribuir para despertar olhares e sensibilidades para as muitas jornadas que se entrelaçam na complexa tapeçaria da vida.

Este método de pesquisa, me permitiu dar voz às emoções e as várias vidas, transformando a experiência pessoal em conhecimento relevante e significativo. Ao compartilhar a minha história, almejo inspirar outras pessoas a olharem para as suas raízes e o processo de construção identitária, "foi da e na dinâmica da vida que observei os primeiros traços escritos, a primeira grafia, cuja página foi o chão. (Evaristo, 2007, p. 34)

Por fim, estende-se um convite à reflexão sobre a importância de valorizar a diversidade e a subjetividade na construção do conhecimento, reconhecendo a singularidade e o valor intrínseco da história individual na construção da identidade. Como o rio que serpenteia entre as montanhas, a vida segue o seu curso, carregando consigo as memórias da roça e os aprendizados da cidade, a roça na alma e a cidade nos calcanhares. Este estudo não apenas documenta uma trajetória de migração rural-urbana, mas também oferece uma contribuição metodológica significativa ao exemplificar como a experiência pessoal pode ser um vetor para a produção de conhecimento na academia, especialmente ao elucidar as complexas interações entre subjetividade, ambiente e construção identitária, ecoando Ingold (2019) por uma ciência





mais humana e relacional. Ao fazer isso, o artigo fomenta um diálogo crítico e necessário sobre as transformações sociais contemporâneas, desafiando a objetividade cartesiana e promovendo a escrevivência como um caminho para compreender e intervir nas realidades humanas.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: terceira infância**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CIAMPA, Antenor Carlos. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- CYRULNIK, Boris. **Os patinhos feios**. Tradução Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- DUBAR, Claude. **Para uma teoria sociológica da identidade: a socialização**. Porto: Porto Editora, 1997.
- ELDER, Glen H. Jr.; GIELE, Janet Z. Estudos do curso de vida: um campo em evolução. In: ELDER, Glen H. Jr.; GIELE, Janet Z. (org.). **A arte da pesquisa do curso de vida**. Nova York; Londres: The Guilford Press, 2009. p. 1–28.
- ELLIS, Carolyn; BOCHNER, Arthur P. Autoethnography, personal narrative, reflexivity: researcher as subject. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (org.). **Handbook of qualitative research**. 2. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2000. p. 733–768.
- ERIKSON, Erik H. **Identity: youth and crisis**. New York: W. W. Norton & Company, 1968.
- EVARISTO, Conceição. "A gente combinamos de não morrer". In: \_\_\_\_\_ (org.). *Olhos d'água*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 99.
- EVARISTO, Conceição. **A escrevivência e os seus subtextos**. 2007. Disponível em: [https://presencial.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/404636/mod\\_resource/content/1/EVARISTO%20A%20escrevivencia%20e%20seus%20subtextos.pdf](https://presencial.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/404636/mod_resource/content/1/EVARISTO%20A%20escrevivencia%20e%20seus%20subtextos.pdf). Acesso em: 10 maio 2025.
- GOTTMANN, Jean. **The significance of territory**. Charlottesville: The University Press of Virginia, 1973.
- HALL, Stuart. **Questions of cultural identity**. London: Sage, 1996.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. São Paulo: DP&A, 2006.
- HOOKS, bell. **Pertencimento: uma cultura de lugar**. São Paulo: Elefante, 2019.
- HOLLING, Crawford Stanley. **Adaptive environmental assessment and management**. New





York: John Wiley & Sons, 1978.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2000.

INGOLD, Tim. In: \_\_\_\_\_ (org.). **Antropologia: para que serve?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. p. 24–32.

MICELI, Sérgio. **A elite intelectual e a questão nacional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1984.

MORAES, Maria Cecília Leite de; RABINOVICH, Elaine Pedreira. Resiliência: uma discussão introdutória. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 6, n. 1/2, 1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/jhgd/article/view/38369>. Acesso em: 15 out. 2025.

RABINOVICH, Elaine Pedreira. Eu/nós: história e autoetnografia. **Revista Ouricuri**, v. 14, n. 1, 2024, p. 1–13. jan./jul. Dossiê. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/ouricuri>. Acesso em: 23 out. 2025.

SANTOS, Antonio Bispo. Somos da terra. **Piseagrama**, Belo Horizonte, n. 12, p. 44–51, ago. 2018. Disponível em: <https://piseagrama.org/artigos/somos-da-terra/>. Acesso em 15 out. 2025.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **Território e sociedade**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar**. Tradução Deborah Weinberg. São Paulo: Odysseus Editora, 2007.

SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de; FARIA, Ederson de. Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 15, n. 1, jan./jun. 2011, p. 35–42. Disponível em: <https://prospedpuc.wordpress.com/2017/11/08/sobre-o-conceito-de-identidade-apropriacoes-em-estudos-sobre-formacao-de-professores/>. Acesso em: 23 out. 2025.

TUAN, Yi-Fu. **Space and place: the perspective of experience**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1977. Disponível em: <https://fundacc.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/04/Espaco-e-lugar-a-perspectiva-da-experiencia-YI-FU-TUAN>. Acesso em 23 out. 2025.

TUAN, Yi-Fu. Geografia humanística. **Anais da Associação de Geógrafos Americanos**, v. 66, n. 2, jun. 1976. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/513817097/TUAN-Yi-Fu-Geografia-humanistica>. Acesso em 23 out. 2025.





# Revista Macambira

Informações do Artigo	Article Information
<b>Recebido em:</b> 08/07/2025 <b>Aceito em:</b> 26/10/2025 <b>Publicado em:</b> 04/02/2026	<b>Received on:</b> 08/07/2025 <b>Accepted in:</b> 26/10/2025 <b>Published on:</b> 04/02/2026
<b>Conflitos de Interesse</b> A autora declarara não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmico, político e financeiro referente a este manuscrito.	<b>Interest conflicts</b> The author declare that there is no personal, commercial, academic, political or financial conflict of interest regarding this manuscript.
<b>Como Citar este artigo - ABNT</b> SANTANA, Ana Cristina de Jesus. A vida na roça e a travessia para o centro urbano: um estudo autoetnográfico. <b>Revista Macambira</b> , Serrinha (BA), v. 10 n. 2 (2026), e102002. DOI: <a href="https://doi.org/10.35642/rm.v10i2.1673">https://doi.org/10.35642/rm.v10i2.1673</a>	<b>How to cite this article - ABNT</b> SANTANA, Ana Cristina de Jesus. Life in the countryside and the transition to the urban center: an autoethnographic study. <b>Revista Macambira</b> , Serrinha (BA), v. 10 n. 2 (2026), e102002. DOI: <a href="https://doi.org/10.35642/rm.v10i2.1673">https://doi.org/10.35642/rm.v10i2.1673</a>
<b>Licença de Uso</b> A Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, mesmo que comercialmente, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.	<b>Use license</b> The Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License (CC BY 4.0). This license allows sharing, copying, redistributing the manuscript in any médium or format. In addition, it allows adapting, remixing, transforming and building on the material, even commercially, as long as due credit for authorship and initial publication in this journal is attributed.

